

BILINGUISTO – UMA ENTREVISTA COM ANNICK DE HOUWER

Annick De Houwer
Universidade de Antwerpen

ReVEL – Durante o processo de aquisição de linguagem, uma criança bilíngue comete os mesmos tipos de “erros” que uma criança monolíngue? Em outras palavras, os erros em uma aquisição bilíngue acontecem graças a uma interferência entre as línguas? Ou eles são apenas os erros “comuns”, encontrados tanto na aquisição bilíngue, como na aquisição monolíngue?

De Houwer – Antes de responder especificamente à pergunta, eu gostaria de deixar claro que o que eu vou dizer nesta entrevista se aplica a crianças de até, digamos, seis anos de idade.

Em relação à primeira pergunta: bem, tudo depende de QUANDO a criança bilíngue começou a aprender suas duas línguas. Uma criança que cresce com duas línguas maternas desde o nascimento geralmente não vai cometer erros que mostram a influência de uma língua sobre a outra. Isso me permitiu propor a Hipótese do Desenvolvimento Separado (ou *Separate Development Hypothesis – SDH*), que diz que crianças que ouvem duas línguas desde o nascimento desenvolvem suas duas línguas essencialmente como dois sistemas morfossintáticos distintos (a SDH não prediz nada sobre fonologia ou léxico). Os tipos claros de erros que esse tipo de bilíngue comete se parecem muito com os erros cometidos por crianças monolíngues. Por outro lado, crianças que começam a aprender uma segunda língua depois de já se tornarem monolíngues em sua língua materna apresentam erros típicos de interferência, por influência da língua que aprenderam primeiro. Existe uma enorme diferença entre estes aprendizes de segunda língua no que diz respeito à interferência

de uma língua sobre a outra e à velocidade com que eles aprendem a não cometerem esses erros de interferência. Os erros particulares de interferência cometidos são muito diferentes dos erros específicos cometidos por crianças monolíngues, embora, é claro, além dos erros de interferência, os aprendizes da segunda língua podem também cometer “erros monolíngues” típicos.

ReVEL – Como o aparato cognitivo da criança está equipado para lidar com itens lexicais de duas diferentes línguas?

De Houwer – Nós sabemos tão pouco a esse respeito sobre a aquisição bilíngue como sobre a aquisição monolíngue. O que sabemos é que crianças que crescem com dois idiomas desde seu nascimento não aparentam ter nenhum problema a respeito do fato de que um mesmo referente pode ter dois nomes, enquanto algumas crianças monolíngues podem apresentar problemas com a sinonímia em sua própria língua (é a isso que referem, basicamente, o Princípio do Contraste, de Eve Clark, e o Princípio de Exclusividade, de Ellen Markman). Contudo, assim como acontece com a aquisição monolíngue da criança, nós sabemos tão pouco sobre desenvolvimento lexical em crianças bilíngues como sobre desenvolvimento morfossintático.

ReVEL – Existem exemplos na literatura sobre crianças que adquiriram mais do que duas línguas ao mesmo tempo? É possível uma criança adquirir três ou quatro línguas durante sua infância?

De Houwer – Bem, há um livro saindo a qualquer momento, “Multilingual Matters”, de Julia Barnes, que descreve o desenvolvimento linguístico de uma criança que cresceu com inglês, basco e espanhol, desde o berço. Outros estudos de trilinguismo precoce falam sobre crianças que começaram com duas línguas e depois adicionaram uma terceira em seu segundo ano de idade.

Apesar da falta de estudos sistematizados sobre desenvolvimento trilingue, evidências a partir de casos e histórias mostram que é certamente possível para crianças bem novas adquirirem três línguas em idade precoce. E na antiga literatura

européia sobre o bilinguismo, há alguns relatórios de estudiosos que descrevem seu próprio desenvolvimento quadrilíngue.

Eu acredito que é possível que uma criança adquira três ou mais línguas em uma idade muito tenra, mas eu acho que isso não acontece com frequência: eu efetuei uma pesquisa sobre o uso da língua no lar, com mais de 18.000 famílias em Flanders, que é a parte da Bélgica onde se fala Holandês, e nessa ampla amostra, havia apenas cerca de 300 famílias onde as crianças cresciam aprendendo três ou quatro línguas, comparado ao número de 2.500 famílias com crianças bilíngues.

ReVEL – Qual é a importância do input durante a aquisição bilíngue?

De Houwer – Estou convencida de que a frequência do input (combinada, obviamente, com um input apropriado para a idade e respostas afetivas) é crucial tanto para o desenvolvimento monolíngue quanto para o bilíngue. Contudo, eu acredito que o papel do input é ainda mais importante em uma aquisição bilíngue do que em uma aquisição “normal” monolíngue. A principal razão é que, em uma aquisição monolíngue, o que você não recebe das pessoas no seu ambiente, você irá aprender com outros. A situação do input, se prefere, é menos vulnerável. Mas em uma aquisição bilíngue, é possível que apenas uma pessoa seja o “portador” de uma língua em particular. Se essa pessoa não fala muito com a criança, a criança tem muito menos chances de adquirir aquela língua. As pessoas seguidamente esquecem que as crianças não aprendem a partir do nada. Ao aprender a falar, as crianças precisam ouvir muita linguagem e precisam ter a oportunidade de falar bastante. Isso exige muito tempo e esforço, tanto na aquisição monolíngue quanto na bilíngue. Geralmente, se as pessoas vêem problemas com a situação bilíngue, não é o fato de o input ter sido dado nas duas línguas que é realmente o problema, mas o fato de que foi dado input insuficiente nas duas línguas (ou em uma das duas). Infelizmente, muitos pais desconhecem isso. Muitas vezes, as pessoas se mudam com seus filhos pequenos e não levam em conta os efeitos negativos das mudanças drásticas nos ambientes linguísticos que as cercam. Isso pode ser muito ruim para o desenvolvimento linguístico da criança e, por consequência, acaba afetando

negativamente seu desenvolvimento social e educacional. As crianças precisam de um input frequente e consistente em todas as línguas que elas precisam aprender.

ReVEL – Como autoridade na área, a senhora poderia indicar uma bibliografia básica para que um estudante de Letras e Linguística (tanto de graduação como de pós-graduação) pudesse aprofundar seus estudos sobre bilinguismo?

De Houwer – Eu ainda acho que o livro de 1995 da Suzanne Romaine é a melhor introdução à área. Li Wei editou um livro que também é muito bom. E para os alunos mais avançados, há o recentemente publicado “Handbook of Bilingualism”, que trata de abordagens psicolinguísticas. O “International Journal of Bilingualism” é, eu acredito, a melhor fonte para trabalhos atualizados sobre uma ampla gama de tópicos sobre bilinguismo.

Referências

Kroll, J. & A. De Groot, eds., 2005. *Handbook of Bilingualism*. Oxford: Oxford University Press.

Li Wei, ed., 2000. *The Bilingualism Reader*. London: Routledge.

Romaine, S. 1995. *Bilingualism* (2nd edition). Oxford: Blackwell.